

Medo da crise argentina

Da Redação

Com AFP

A percepção negativa dos investidores estrangeiros em relação ao futuro do Brasil também reflete o temor de que se repita no país o histórico da crise argentina. "Eles estão muito mais escalados, muito mais ariscos com qualquer ruído sobre dívida depois da Argentina", afirma o superintendente de Capital Markets do Banco Cidade, Ricardo Simone Pereira. "Mesmo que o descolamento entre os dois países seja claro, só a lembrança do que ocorreu na Argentina já é suficiente para provocar pânico nos investidores, ainda mais em se tratando de preocupação da mesma natureza: a capacidade de o governo administrar a sua dívida", reforça a analista de um grande banco estrangeiro.

O dólar voltou a subir ontem no mercado de câmbio de Buenos Aires, com a decisão do Banco Central de reduzir gradualmente a venda direta da moeda ao público por meio do acordo com bancos e casas de câmbio. Depois de uma semana de estabilidade, o dólar fechou cotado a 3,76 pesos, com alta de 1,4%. Nos últimos meses, o BC vendeu dólares aos principais bancos e casas de câmbio do país que, por sua vez, apenas repassavam a moeda ao público com uma

comissão de 0,05 peso por dólar. Com isso, o governo esperava ter um maior controle sobre o ágio cobrado na venda da moeda americana.

Mas o BC entende que esse mecanismo de intervenção não está sendo suficiente para segurar a cotação do dólar e ainda tem sido o responsável pela rápida redução das reservas. Na terça-feira, o presidente do BC, Mario Blejer, havia mostrado ao presidente Eduardo Duhalde a preocupação com a queda das reservas, que somam US\$ 10,2 bilhões. A cotação da moeda também foi pressionada hoje por novas especulações sobre o retorno do câmbio fixo. De acordo com a imprensa local, Duhalde teria questionado Blejer sobre a possibilidade de o governo implementar uma nova paridade, de 3,50 pesos por dólar, depois de obter o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Aliás, pela primeira em muitos meses, o FMI elogiou ontem os esforços feitos pelo presidente Eduardo Duhalde e indica o início das negociações sobre um possível empréstimo ao país. O porta-voz do Fundo, Tom Dawson, afirmou que uma missão viajará a Buenos Aires na próxima semana para preparar as bases das negociações para um novo acordo.

Dawson disse que a Argentina



BATLLE, PREOCUPADO COM A CRISE URUGUAIA, CRITICOU OS ARGENTINOS

cumpriu suficientemente as três condições exigidas para a concessão de um novo empréstimo: o fim do curralzinho (bloqueio do dinheiro), a revogação da Lei de Subversão Econômica (que permitia a prisão de empresários e banqueiros acusados de crimes contra a ordem econômica) e um novo acordo de redistribuição de receitas tributárias com as Províncias. Apesar do envio de uma missão negociadora, o governo argentino deverá manter pressão sobre os acionistas do Fundo para a liberação rápida do novo empréstimo.

Mas não é apenas a Argentina que enfrenta a crise. Colômbia, Uruguai, Chile, Paraguai, Venezuela e Brasil vacilam sob o peso da dívida, de seus problemas orçamentários e políticos. "Não podemos respirar aliviados", adverte Pascal Blanqué, diretor de estudos econômicos do Crédit Agricole, que avaliou a crise

no continente, a partir dos problemas argentinos. "Esta crise cria precedentes que podem se repetir em outros lugares", argumenta.

No Chile, as contas públicas se degradaram e os investidores estrangeiros se mostram indecisos por causa de uma nova legislação trabalhista considerada nefasta para a competitividade das empresas. No Paraguai, o governo teve que suspender o processo de privatizações dos setores de telefonia, saúde e ferroviário, diante das numerosas oposições que suscitaram, inclusive violentos incidentes nas ruas. Se bem que até agora a maioria dos governos sul-americanos tenha evitado culpar Buenos Aires, o recente incidente diplomático criado pelo presidente do Uruguai, Jorge Batlle, que teve que pedir desculpas à Argentina, revela o nervosismo crescente entre seus vizinhos.